



A Hegemonia Comunicacional do Agronegócio no Cerrado: O Papel da Mídia nas Transformações Sociais na Microrregião do Meia Ponte (GO)

The Communicational Hegemony of Agribusiness in the Cerrado: The Role of the Media in Social Transformations in the Meia Ponte Microregion (GO)

Marlus Silva dos Santos

Graduado em História e Filosofia, Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

Resumo: Este estudo analisa como, desde a década de 1970, a modernização agrícola no Brasil consolidou uma hegemonia simbólica por meio das narrativas midiáticas do agronegócio (GRAMSCI, 2000). A partir dos referenciais de Habermas (2003) e Boaventura de Sousa Santos (2007), demonstra-se que essa modernização não foi apenas econômica, mas comunicacional, promovendo o silenciamento de saberes locais e marginalizando a agricultura familiar. A comunicação hegemônica impôs uma visão única de progresso, pautada na produtividade e tecnologia, comprometendo a autonomia das comunidades rurais e reforçando a urgência de uma comunicação contra-hegemônica que valorize outras epistemologias.

Palavras-chave: hegemonia comunicacional; modernização agrícola; agronegócio e mídia; comunicação contra-hegemônica; saberes tradicionais.

Abstract: This study examines how, since the 1970s, Brazil's agricultural modernization has established symbolic hegemony through agribusiness media narratives (Gramsci, 2000). Drawing on the theoretical frameworks of Habermas (2003) and Boaventura de Sousa Santos (2007), it argues that modernization was not only economic, but also communicational, silencing local knowledge and marginalizing family farming. The hegemonic discourse imposed a singular vision of progress centered on productivity and technology, undermining rural communities' autonomy. The findings highlight the need for counter-hegemonic communication capable of recognizing diverse epistemologies and enabling rural populations to participate in shaping their own futures.

Keywords: communicational hegemony; agricultural modernization; agribusiness and media; counter-hegemonic communication; traditional knowledge.

INTRODUÇÃO

Quando nos referimos à dinâmica da agroindústria no cerrado, nos fixando no recorte espacial da Microrregião da Meia Ponte, temos um rico panorama das transformações socioeconômicas e espaciais no Centro-Oeste brasileiro, com ênfase na modernização agrícola iniciada na década de 1970.

1 Itumbiara, Caldas Novas, Morrinhos, Goiatuba, Bom Jesus de Goiás, Piracanjuba, Pontalina, Buriti Alegre, Vicentinópolis, Cachoeira Dourada, Joviânia, Inaciolândia, Rio Quente, Porteirão, Cromínia. (Santos, 2015)

Ele descreve a chegada da tecnologia, o avanço da mecanização, a mudança da mão de obra para as cidades e o estreitamento da relação entre a produção agrícola e a indústria. Embora a análise seja crucial para a compreensão das dinâmicas econômicas da região, ela carece de uma abordagem crítica sobre como essas transformações foram comunicadas, legitimadas e como impactaram a vida e o imaginário das populações locais.

É aqui que o campo da comunicação se torna fundamental. As profundas mudanças na estrutura fundiária e nas relações de trabalho não se deram no vazio. Elas foram acompanhadas por um robusto aparato comunicacional que, por meio da mídia de massa e das campanhas publicitárias, construiu uma imagem hegemônica do agronegócio como o único motor do desenvolvimento nacional.

Essa narrativa, por sua vez, silenciou as vozes dos pequenos produtores e da agricultura familiar, naturalizando a expulsão do trabalhador rural para as periferias urbanas e os impactos ambientais como o preço inevitável do progresso.

Diante disso, o presente estudo propõe uma nova leitura do artigo original, a partir da seguinte questão de pesquisa: Como as narrativas e a comunicação do agronegócio constroem sua hegemonia no Cerrado e quais são os impactos sociais e culturais desse processo para as comunidades locais?

O objetivo geral é analisar criticamente o papel da comunicação na legitimação das transformações do agronegócio na Microrregião do Meia Ponte, com os seguintes objetivos específicos, discutir a relação entre comunicação e poder na construção da hegemonia do agronegócio, interpretar o êxodo rural e a desvalorização do saber camponês como um processo de silenciamento comunicacional, analisar como uma abordagem contra-hegemônica poderia dar voz e visibilidade a outras epistemologias do campo. Ao final, espera-se demonstrar que a comunicação é um campo de disputa central para a compreensão das dinâmicas de poder no agronegócio.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e documental, de caráter descritivo-exploratório. Adotou-se o método dialético, visando compreender as contradições presentes na comunicação hegemônica do agronegócio e seus impactos nas comunidades rurais.

A coleta de dados foi realizada por meio da análise de obras teóricas, artigos científicos, documentos oficiais e reportagens, com ênfase em autores como Gramsci, Habermas e Boaventura de Sousa Santos.

A análise seguiu uma perspectiva crítica, buscando identificar os discursos dominantes e contra-hegemônicos que estruturam o debate sobre a modernização agrícola e a comunicação no campo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise da dinâmica da agroindústria na Microrregião do Meia Ponte, no Cerrado, revela um processo que transcende a mera transformação econômica. Conforme evidenciado no artigo original, a modernização agrícola, iniciada nos anos 1970, foi acompanhada por uma profunda reestruturação social e cultural.

A partir da perspectiva da comunicação, esses fenômenos podem ser compreendidos não apenas como consequências, mas como elementos constitutivos de uma hegemonia simbólica (Gramsci, 2000), na qual o agronegócio se estabeleceu como o principal produtor de sentido sobre o desenvolvimento.

A discussão a seguir desdobra essa tese, interpretando os dados do artigo original através de três eixos de análise: a imposição de uma narrativa de progresso, a desvalorização dos saberes locais e o papel da comunicação no silenciamento dos conflitos.

A Construção da Narrativa Hegemônica do Progresso e a Padronização do Discurso

A entrada de grandes empresas de insumos e tecnologia no Cerrado, que trouxeram consigo um pacote tecnológico que transformou a paisagem e a lógica de produção (Santos, 2015). Sob a ótica da comunicação, esse movimento não foi neutro.

A expansão da soja, do milho e de outras commodities foi acompanhada por uma intensa campanha publicitária e discursiva que alçava o agronegócio à condição de “salvador da pátria”, motor da economia e garantidor da segurança alimentar global, isso pode ser ilustrado em campanhas publicitárias, tal como a “Agro é pop, agro é tech, agro é tudo”: o slogan das propagandas transmitidas desde 2016 pela Rede Globo traz a ideia de que o modelo do agronegócio fornece, basicamente, todas as coisas boas e necessárias da vida (Brasil de fato, 2022).

Tal narrativa, veiculada amplamente pela mídia hegemônica, simplificava um processo complexo, ocultando suas contradições e seus custos sociais e ambientais. Nesse sentido, o discurso hegemônico do agronegócio operou como um “aparelho privado de hegemonia” (Gramsci, 2000), moldando o senso comum e estabelecendo o progresso como sinônimo de alta produtividade, tecnologia avançada e monocultura.

Sendo assim, a transformação tecnológica na agricultura goiana pode ser explicada em função de um processo de modernização conservadora. Esse conceito, desenvolvido por Florestan Fernandes (2006), ajuda a compreender como o avanço tecnológico e econômico no campo não significou, necessariamente, uma ruptura com as estruturas sociais excludentes do passado.

A modernização conservadora implica mudanças materiais que mantêm intactas, ou até reforçam, formas de dominação e desigualdade históricas.

No caso da agricultura goiana, a incorporação de tecnologia e capital estrangeiro ocorreu sem a democratização do acesso à terra ou o fortalecimento de práticas agrícolas populares, excluindo pequenos produtores e comunidades tradicionais do processo de desenvolvimento.

Assim, o progresso material convive com a perpetuação de relações sociais autoritárias e concentradoras, revelando um modelo de modernização que beneficia poucos e silencia muitos.

A comunicação, nesse contexto, foi uma ferramenta para a deslegitimação de outras formas de agricultura, como a familiar e a de subsistência, que passaram a ser vistas como “atrasadas” ou “pouco produtivas”. A própria substituição da força de trabalho humana por máquinas, descrita no artigo original como a “mecanização do trabalho no campo” (Santos, 2015), pode ser lida como um processo de desumanização, onde o trabalhador rural perde sua agência para se tornar uma peça dispensável de um sistema industrial.

A comunicação, ao naturalizar essa mudança, como no exemplo supracitado do caso da propaganda ao agronegócio, veio a enfraquecer a resistência e a capacidade de organização dos trabalhadores.

Do Campo à Cidade: O Êxodo Rural como Processo de Silenciamento Epistemológico

O povoamento da Microrregião da Meia Ponte teve início com a ocupação pecuarista entre 1822 e 1890, marcada pela chegada de criadores e rebanhos oriundos de São Paulo e Minas Gerais, que utilizaram antigos caminhos da mineração no sul de Goiás. No início do século XX, a chegada da ferrovia, a transferência da capital para Goiânia e, posteriormente, da Capital Federal para o Centro-Oeste impulsionaram a expansão regional. A modernização ganhou força a partir da década de 1960, com a introdução de maquinários e técnicas agrícolas que elevaram a produtividade da agricultura e pecuária.

Foi a partir da década de 1970, com o avanço da fronteira agrícola sobre o Cerrado, o cultivo de soja e o acesso ao crédito rural, que a microrregião passou a ocupar posição de destaque no agronegócio goiano. Contudo, esse crescimento econômico consolidou um modelo concentrador, que promoveu a concentração fundiária e reduziu o número de propriedades, como aponta Frederico (2008), caracterizando uma modernização excludente. A chamada “terceira revolução agrícola”, intensificada nos anos 1990, favoreceu apenas os produtores mais capitalizados, subordinando-os, inclusive, às exigências de corporações transnacionais.

Essa modernização provocou mudanças nas relações de trabalho no campo, substituindo parcerias tradicionais por vínculos empregatícios mais formais, sem, no entanto, alterar a estrutura fundiária. Além do impacto econômico, houve um apagamento simbólico: as comunidades rurais não perderam apenas suas terras, mas também seus espaços de expressão e seus sistemas próprios de conhecimento.

A centralidade do saber técnico-científico esvaziou os saberes tradicionais, marginalizando culturas locais e práticas de agricultura familiar (Santos, 2015).

Nesse sentido, o avanço do agronegócio representa também um processo de silenciamento comunicacional e epistemológico. Boaventura de Sousa Santos (2007) denomina esse fenômeno como “linha abissal”, que separa o conhecimento hegemônico do saber popular, tornando este último invisível. No Cerrado, a comunicação dominante legitima o progresso tecnológico enquanto ignora a diversidade cultural e epistemológica que sustenta a identidade das comunidades camponesas, comprometendo sua capacidade de resistir, existir e narrar-se.

O Papel da Mídia Contra-Hegemônica na Reivindicação da Cidadania Rural

Apesar da força da narrativa hegemônica, a análise também aponta para a existência de um campo de disputa por novas narrativas. A comunicação contra-hegemônica, por meio de mídias alternativas e de iniciativas de base, emerge como uma ferramenta crucial para a luta por uma cidadania plena no campo.

A noção de comunicação contra-hegemônica emerge como resposta às formas tradicionais de produção e circulação da informação, frequentemente controladas por elites políticas e econômicas. Para Lima (2001), esse modelo de comunicação está intrinsecamente ligado à disputa simbólica travada no interior da sociedade civil.

Ele destaca o papel das mídias alternativas, como rádios comunitárias, jornais populares e redes digitais independentes, como instrumentos que rompem o monopólio da palavra pública e possibilitam a expressão de sujeitos historicamente silenciados.

Já Mata (1986), embora compartilhe dessa visão crítica, enfatiza o caráter processual e pedagógico da comunicação alternativa, compreendendo-a não apenas como oposição à hegemonia midiática, mas como prática de formação política e transformação social enraizada nos movimentos populares.

Enquanto Lima foca a dimensão institucional e política do enfrentamento, ela reforça a dimensão cultural e educativa da resistência comunicacional. Ambas as abordagens, porém, convergem ao reconhecer que a comunicação contra-hegemônica não se limita a denunciar estruturas opressoras, mas visa construir sentidos outros de mundo, capazes de disputar hegemonia e fortalecer práticas democráticas mais inclusivas.

As mídias independentes, as rádios comunitárias e as plataformas digitais de movimentos sociais se tornam espaços de disputa de narrativas, onde é possível dar visibilidade aos problemas ambientais e sociais, valorizar os saberes locais e construir uma esfera pública rural.

Desta forma, este modelo comunicacional não é apenas uma crítica à mídia dominante, mas um processo ativo de construção de uma nova cidadania, que se sustenta na valorização de saberes locais e na defesa da diversidade de formas de vida.

COMUNICAÇÃO COMO PRÁTICA EMANCIPATÓRIA: CAMINHOS PARA UMA CONTRA-HEGEMONIA NO CERRADO

A hegemonia simbólica do agronegócio no Cerrado, analisada ao longo deste trabalho, não se consolidou apenas por meio da produção econômica, mas pela dominação discursiva dos sentidos sobre o que é desenvolvimento, progresso e modernidade. No entanto, como aponta Gramsci (2000), toda hegemonia é passível de disputa e exige, para sua manutenção, constante consentimento ativo das classes subalternas. É nesse ponto que a comunicação aparece não apenas como instrumento de dominação, mas também como possibilidade de emancipação e resistência.

A comunicação contra-hegemônica, ao se opor ao monopólio das grandes corporações midiáticas, visa construir uma nova esfera pública rural, onde vozes historicamente silenciadas possam expressar-se e disputar sentidos. Para Lima (2001), essa prática comunicativa emerge da sociedade civil como forma de enfrentamento simbólico às estruturas dominantes, utilizando-se de rádios comunitárias, jornais populares e redes digitais para dar visibilidade aos sujeitos sociais do campo. Mata (1986), por sua vez, complementa essa visão ao considerar a comunicação alternativa como processo pedagógico, ligado à formação política dos movimentos populares.

Nesse sentido, recuperar a comunicação como prática emancipatória exige romper com o modelo verticalizado e unidirecional da mídia tradicional. Paulo Freire (1983) já advertia que uma comunicação verdadeiramente libertadora deve ser dialógica, fundamentada na escuta e na participação, e não na imposição de verdades externas. Assim, a comunicação se torna meio e fim de um processo de conscientização coletiva que fortalece a autonomia das comunidades rurais.

Experiências de educomunicação no Cerrado, desenvolvidas por movimentos sociais em parceria com universidades e ONGs, (Organizações não Governamentais) ilustram essa prática. Jovens rurais têm sido capacitados para atuar como comunicadores populares, utilizando celulares, rádios e mídias sociais para registrar suas realidades, denunciar injustiças e valorizar os saberes tradicionais de suas comunidades (Moraes, 2021). A presença crescente de redes de agricultura familiar e agroecológica nas plataformas digitais reforça a ideia de que a comunicação pode também ser instrumento de comercialização justa e de construção de outras relações sociais no campo.

Além disso, ao promover o reconhecimento das epistemologias do Sul – conceito elaborado por Boaventura de Sousa Santos (2007) –, a comunicação contra-hegemônica desafia o epistemicídio promovido pela modernização conservadora e tecnocrática do agronegócio.

Para Santos (2007), a imposição de uma única racionalidade científica silencia saberes tradicionais, práticas ancestrais e modos alternativos de existência. A comunicação, nesse contexto, torna-se ferramenta fundamental para reconstruir pontes entre saberes populares e científicos, promovendo uma ecologia de saberes.

Para que essa comunicação libertadora se consolide, é necessária a construção de políticas públicas que incentivem as mídias comunitárias e garantam acesso à internet e à formação crítica em comunicação para as populações do campo. Também se faz urgente o fortalecimento de redes colaborativas entre campo e cidade, que permitam a circulação de narrativas alternativas e a denúncia dos impactos socioambientais da hegemonia agronegocial.

Assim, compreende-se que transformar a comunicação no Cerrado é passo essencial para transformar também as relações de poder que estruturam o modelo atual de desenvolvimento. Ao recuperar a voz e a capacidade de narrar de suas comunidades, o campo deixa de ser apenas objeto de discurso e torna-se sujeito de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica da agroindústria na Microrregião do Meia Ponte, quando analisada sob a ótica comunicacional, revela que as transformações sociais, econômicas e territoriais ocorridas na região não podem ser compreendidas sem considerar o papel estratégico da informação e da mídia. A modernização agrícola, longe de ser um processo meramente técnico, consolidou-se como um projeto hegemônico, sustentado por narrativas que naturalizaram o modelo do agronegócio como sinônimo de desenvolvimento.

Inspirados em Gramsci (2000), Habermas (2003) e Boaventura de Sousa Santos (2007), observa-se que tais narrativas impuseram uma lógica pautada na produtividade, na técnica e no mercado, difundida e legitimada pela mídia tradicional, compreendida como aparelho privado de hegemonia. Essa mediação simbólica silenciou saberes camponeses e deslegitimou modos de vida alternativos, aprofundando as desigualdades sociais e epistemológicas no campo. O êxodo rural, nesse contexto, representa não apenas a perda de território, mas também a ruptura de redes culturais e comunicacionais.

Entretanto, a comunicação também se configura como espaço de resistência. Mídias comunitárias, alternativas e digitais vinculadas a movimentos sociais vêm promovendo uma contranarrativa que denuncia injustiças, valoriza saberes locais e fortalece práticas de cidadania. Essa comunicação contra-hegemônica atua como instrumento de empoderamento e rearticulação de vínculos entre território, memória e identidade.

Nesse sentido, a luta pelo desenvolvimento no Cerrado é também uma disputa pela narrativa e pelo direito de comunicar-se em seus próprios termos. Estudos futuros devem investigar experiências concretas de comunicação popular na região, especialmente aquelas conduzidas por camponeses, povos tradicionais e juventudes rurais. Em tempos de profunda assimetria discursiva, repensar a comunicação é passo fundamental para a construção de um campo mais justo, plural e democrático.

REFERÊNCIAS

- BRASIL DE FATO. **“Agro é pop”**: devastação ambiental, fome e inflação? **Entenda por que o modelo é insustentável**. Brasil de Fato, São Paulo, 5 jun. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/05/agro-e-pop-devastacao-ambiental-fome-e-inflacao-entenda-porque-o-modelo-e-insustentavel>. Acesso em: 6 ago. 2025.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.
- FREDERICO, Sylvia Helena Souto. **Dinâmicas territoriais e políticas públicas: modernização da agricultura e desenvolvimento rural**. In: GUIMARÃES, Paulo Pereira (org.). Território, políticas públicas e desenvolvimento regional. Uberlândia: Ed. da UFU, 2008. p. 33-60.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- LIMA, Venício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- MATA, Maria Alice de. **Comunicação alternativa: uma prática de transformação social**. In: PASQUALI, P. E. (org.). Comunicação e política: ensaios críticos. São Paulo: Ática, 1986. p. 95–108.
- MORAES, Caroline. **Educomunicação e resistência camponesa: experiências de comunicação popular no Cerrado goiano**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- SAHLINS, Marshall. **A primeira sociedade afluenta**. In: Stone Age Economics. Chicago: Aldine-Atherton, 1972. (Tradução consultada em edições e compilações acadêmicas brasileiras).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2007. p. 31-83.
- SANTOS, Marlus Silva dos. **O Processo de modernização da agropecuária e agronegócio : à dinâmica territorial na microrregião do Meia Ponte e no município de Morrinhos(GO), 1970-2010**. 2015. 99 f. Dissertação(Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) - Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO.